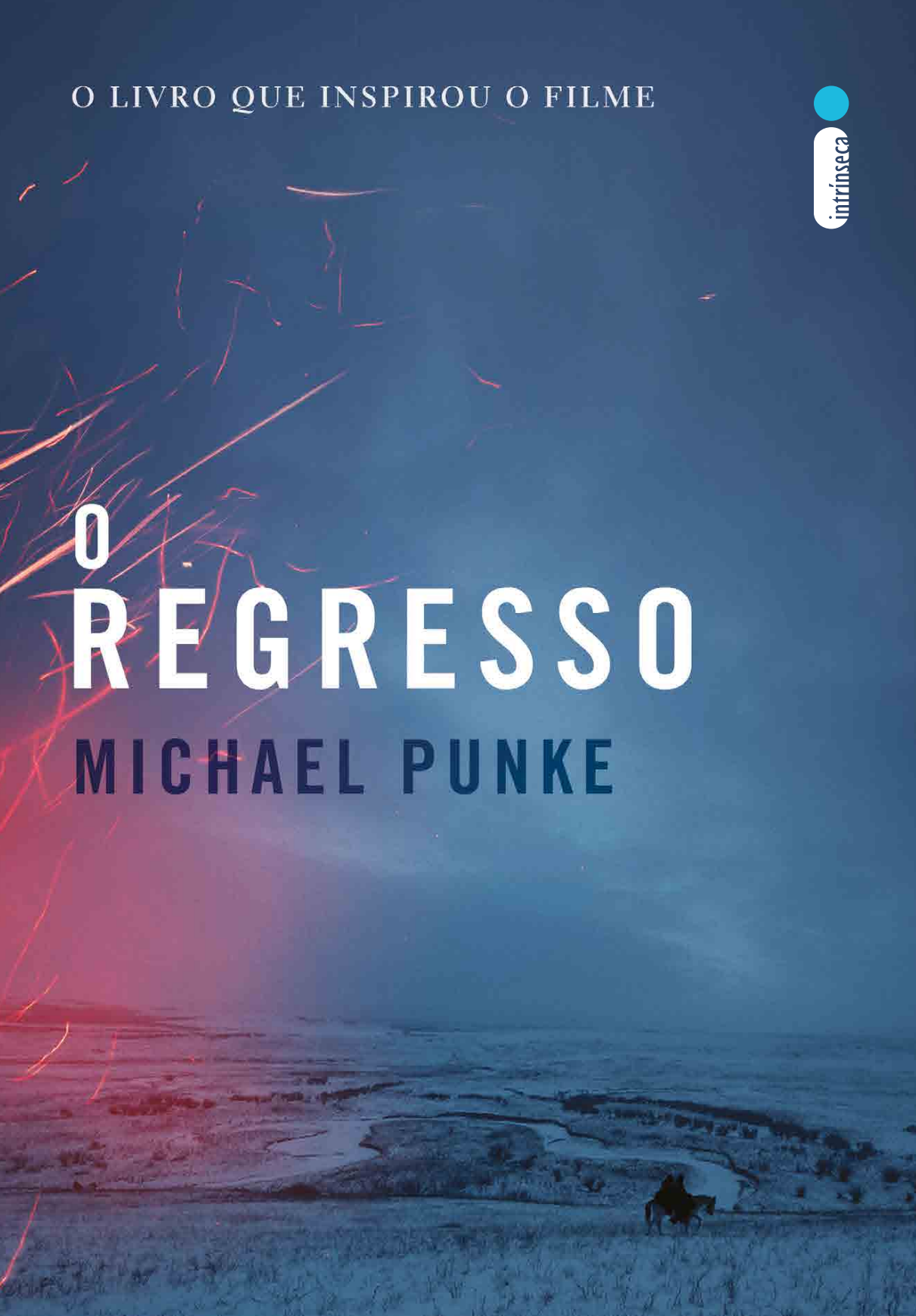


O LIVRO QUE INSPIROU O FILME



O REGRESSO

MICHAEL PUNKE



MICHAEL PUNKE

O REGRESSO

TRADUÇÃO DE MARIA CARMELITA DIAS



Copyright © 2002 by Michael Punke

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte em quaisquer meios.

TÍTULO ORIGINAL

The Revenant

PREPARAÇÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Taís Monteiro

Gabriel Pereira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DA CAPA

Márcia Quintella

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P984r

Punke, Michael

O regresso / Michael Punke ; tradução Maria Carmelita Dias.

– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

176 p. ; 21 cm.

Tradução de: The revenant

ISBN 978-85-8057-859-1

1. Romance americano. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

15-27426

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

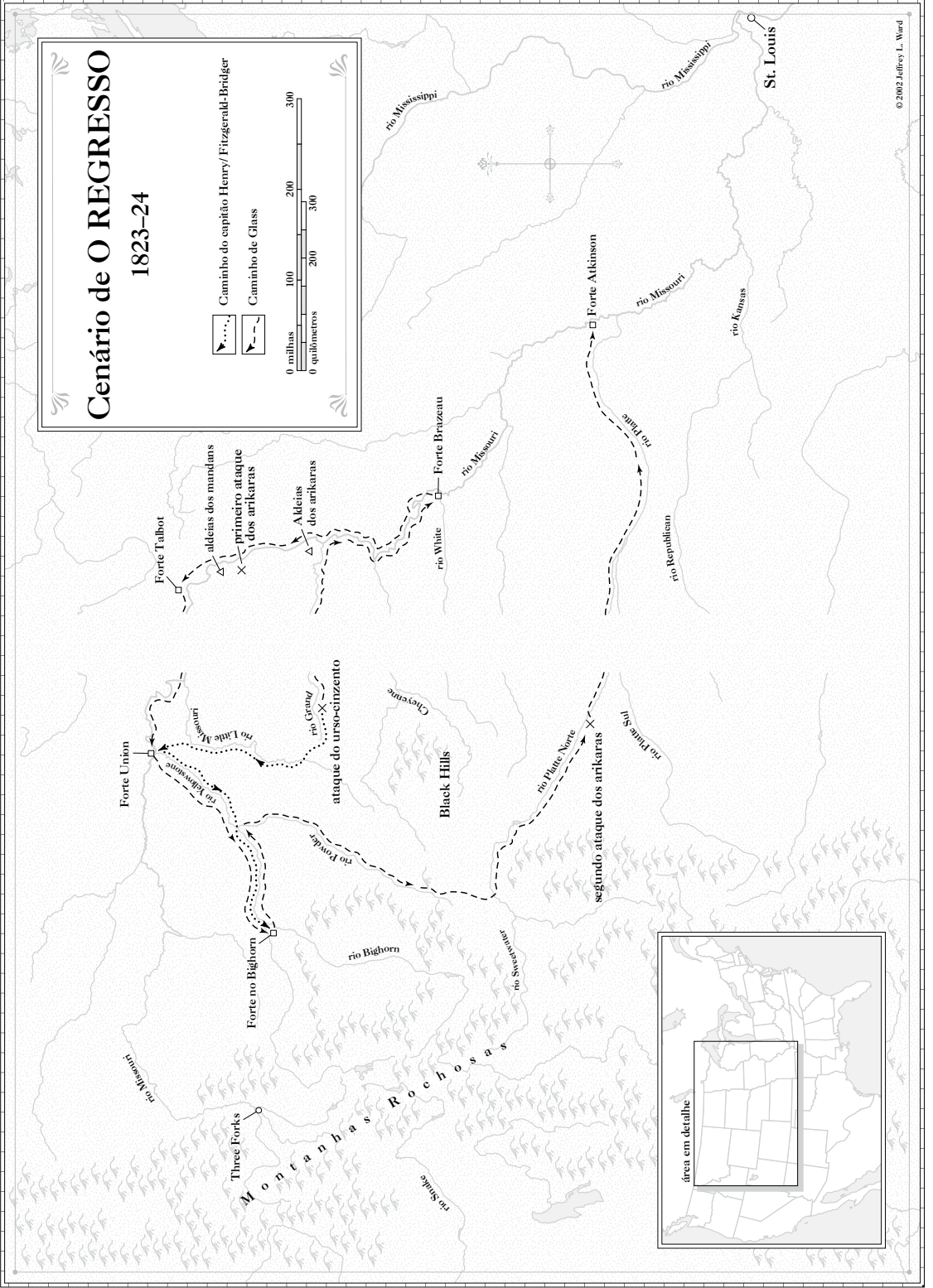
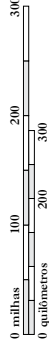
Para meus pais,
Marilyn e Butch Punke

Cenário de O REGRESSO

1823-24

Caminho do capitão Henry/Fitzgerald-Bridger

Caminho de Glass



Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor.

Rom. 12:19

1º DE SETEMBRO DE 1823

ELES O ESTAVAM ABANDONANDO. O homem ferido percebeu isso quando encarou o rapaz, que o fitou e logo desviou o olhar, relutante em sustentá-lo.

O rapaz discutira durante dias com o homem de chapéu de pele de lobo. *Será que já se tinham passado dias mesmo?* O homem ferido lutara contra a febre e a dor, sem ter certeza se as conversas que ouvia eram reais ou mera consequência dos delírios que tomavam conta de sua mente.

Levantou os olhos para a formação rochosa que se elevava em frente à clareira. Um pinheiro solitário e retorcido conseguira, de alguma forma, brotar da face íngreme da pedra. Ele já o tinha visto inúmeras vezes; ainda assim, era a primeira vez que o percebia daquela forma, as linhas perpendiculares parecendo claramente formar uma cruz. Pela primeira vez, o homem se conformou com o fato de que iria morrer ali, naquela clareira perto da nascente.

Experimentou um estranho distanciamento em relação à cena da qual era protagonista. Pensou vagamente sobre o que faria se estivesse no lugar dos outros. Se ficassem e o grupo de guerreiros se aproximasse, todos iriam morrer. *Será que eu morreria por eles... se tivesse certeza de que iriam morrer de qualquer maneira?*

— Acha mesmo que vão subir o riacho?

A voz do rapaz desafinou enquanto ele falava. Na maior parte do tempo, ele produzia um timbre de tenor, mas o tom sem querer ainda falhava em certos momentos.

O homem de chapéu de pele de lobo se curvou, apressado, junto às carnes perto da fogueira e enfiou as tiras de carne de veado parcialmente dessecada dentro de sua *parfleche*, uma bolsa de couro cru usada por nativos americanos para guardar provisões.

— Quer ficar para descobrir?

O homem ferido tentou falar alguma coisa. Novamente, sentiu a dor lancinante na garganta. Não conseguiu transformar o som que saía dela na única palavra que tentava articular.

O homem de chapéu de pele de lobo ignorou o ruído e continuou a juntar os poucos pertences, mas o rapaz se virou.

— Ele está tentando dizer alguma coisa.

O rapaz se ajoelhou perto do ferido. Incapaz de falar, o homem levantou o braço que conseguia mover e apontou.

— Ele quer o rifle — disse o rapaz. — Quer que o deixemos com o rifle em punho.

O homem de chapéu de pele de lobo atravessou o espaço entre eles com passos rápidos e ritmados. Deu um chute forte no menino, no meio das costas.

— Merda, sai da frente!

Foi num passo largo até o ferido, deitado ao lado de um pequeno monte formado por seus poucos pertences: uma bolsa de couro, uma faca enfiada na bainha enfeitada, uma machadinha, um rifle e um polvorinho. Enquanto o homem ferido observava indefeso, o de chapéu de pele de lobo se agachou para pegar a bolsa. Ele enfiou a mão lá dentro, procurando a pederneira e o pedaço de aço para fazer fogo, e os colocou no bolso da frente de sua túnica de couro. Apanhou o polvorinho e o pendurou no ombro. A machadinha, enfiou-a por baixo do largo cinto de couro.

— O que você está fazendo? — perguntou o rapaz.

O homem voltou a se curvar, apanhou a faca e a jogou na direção do rapaz.

— Pegue isso.

O rapaz a agarrou, olhando horrorizado a bainha em sua mão. Restava apenas o rifle. O homem de chapéu de pele de lobo pegou a arma e a verificou rapidamente para se assegurar de que estava carregada.

— Desculpe, caro Glass. Você não vai conseguir mais usar nenhuma dessas coisas mesmo.

O rapaz parecia chocado.

— Não podemos deixá-lo sem isso.

O homem de chapéu de pele de lobo levantou o olhar brevemente, e então desapareceu na mata.

O ferido fitou o rapaz, que ficou ali por um longo instante com a faca — a faca que lhe pertencia. Por fim, o rapaz ergueu os olhos. A princípio parecia querer dizer algo. O que fez, porém, foi dar meia-volta e fugir na direção dos pinheiros.

O homem ferido encarou a abertura na mata por onde os dois tinham desaparecido. A raiva que lhe acometeu era completa, consumindo-o como o fogo ao envolver as agulhas de um pinheiro. Não queria mais nada no mundo a não ser pôr as mãos no pescoço daqueles dois e sufocá-los até a morte.

Instintivamente, começou a gritar, esquecendo-se com novamente de que sua garganta não conseguia produzir palavras, apenas dor. Ergueu-se com o cotovelo esquerdo. Podia dobrar o braço direito um pouco, mas não conseguiria aguentar o peso. O movimento irradiou fisgadas de agonia por seu pescoço e suas costas. Sentiu a tensão da pele nas suturas recentes e grosseiras. Olhou para baixo, na direção da perna, apertada por tiras ensanguentadas de uma camisa velha que formavam um torniquete. Não conseguia flexionar a coxa para que a perna se movimentasse.

Reunindo toda a força que tinha, virou de barriga para baixo. Sentiu o estalido de uma sutura se rompendo e o sangue fresco, quente e úmido escorrer-lhe pelas costas. A dor não era nada se comparada à onda de ira que o invadia.

Hugh Glass começou a rastejar.

PARTE

I

UM

21 DE AGOSTO DE 1823

— MEU BARCO DEVE chegar de St. Louis qualquer dia desses, monsieur Ashley. — O francês corpulento explicou mais uma vez em tom paciente, ainda que insistindo. — Eu venderia de bom grado o conteúdo inteiro do barco para a Companhia de Peles Montanhas Rochosas, mas não posso lhe vender o que ainda não tenho.

William H. Ashley bateu a caneca de estanho nas ripas ásperas da mesa. A barba grisalha cuidadosamente aparada não disfarçava o queixo crispado, que, por sua vez, não parecia capaz de reprimir um novo rompante, já que Ashley se encontrava na situação de enfrentar de novo aquilo que ele mais odiava — a espera.

O francês, que atendia pelo nome incomum de Kiowa Brazeau, observava Ashley com uma agitação crescente. A presença de Ashley em seu entreposto comercial representava uma oportunidade rara, e Kiowa sabia que estabelecer com ele uma relação bem-sucedida poderia ser um alicerce permanente para seu empreendimento. Ashley era uma eminente figura da política e dos negócios em St. Louis, um homem que tinha tanto a visão de expandir o comércio para o oeste quanto o dinheiro para fazer isso acontecer. “O dinheiro de outras pessoas”, como dizia Ashley. Dinheiro leviano. Dinheiro nervoso. Dinheiro que poderia sair rapidamente de um negócio lucrativo para outro.

Kiowa piscou por detrás dos óculos grossos e, embora sua visão não fosse precisa, ele tinha um olho aguçado para ler as pessoas.

— Se o senhor me permitir, monsieur Ashley, talvez eu possa lhe oferecer uma compensação enquanto esperamos o barco.

Se Ashley não assentiu, tampouco retomou seu acesso de fúria.

— Preciso requisitar mais provisões de St. Louis — continuou Kiowa. — Vou mandar amanhã um mensageiro rio abaixo, de canoa. Ele pode levar uma nota para seus associados. Assim, o senhor pode tranquilizar a todos, antes que os boatos sobre o fracasso do coronel Leavenworth criem raízes.

Ashley suspirou profundamente e tomou um longo gole da cerveja amarga, já resignado, por falta de alternativa, a suportar esse último atraso. Gostasse ou não, o conselho do francês era pertinente. Precisava tranquilizar seus investidores antes que as notícias sobre a batalha corressem soltas pelas ruas de St. Louis.

Kiowa sentiu que Ashley estava receptivo e se adiantou rapidamente para mantê-lo em um caminho produtivo. O francês pegou uma pena, tinta e um pergaminho e os colocou à frente de Ashley, e encheu a caneca com mais cerveja.

— Vou deixar o senhor trabalhar, monsieur — disse ele, feliz com a oportunidade de se retirar.

Sob a luz fraca de uma vela de sebo, Ashley escreveu durante a noite:

Forte Brazeau, Missouri
21 de agosto de 1823

Ilustríssimo Sr. James D. Pickens,
Pickens & Sons
St. Louis

Caro Sr. Pickens,
Com pesar, venho informar-lhe sobre os eventos das duas últimas semanas. Por sua natureza, esses acontecimentos devem alterar — mas não impedir — nosso empreendimento no alto Missouri.

Como o senhor provavelmente já sabe, os homens da Companhia de Peles Montanhas Rochosas sofreram um ataque dos arikaras após negociarem, de boa-fé, sessenta cavalos. Sem que tivessem sido provocados, os arikaras atacaram, matando dezesseis dos nossos, ferindo doze e roubando os cavalos que fingiram nos vender na véspera.

Diante deste ataque, fui forçado a bater em retirada rio abaixo. Ao mesmo tempo, pedi auxílio ao coronel Leavenworth e ao Exército dos Estados Unidos para reagir a essa clara afronta ao direito soberano que os cidadãos americanos têm de atravessar desimpedidos o Missouri. Solicitei também o apoio de nossos próprios homens, que, liderados pelo capitão Andrew Henry, deixaram sua posição no Forte Union para se juntarem a mim sob grande risco.

A 9 de agosto, enfrentamos os arikaras com uma força combinada de setecentos homens, incluindo duzentos soldados de Leavenworth (com dois morteiros) e quarenta homens da Cia. Peles MR. Também conseguimos a colaboração (ainda que temporária) de quatrocentos guerreiros sioux, cuja inimizade com os arikaras remonta a um ressentimento histórico de origem desconhecida para mim.

Basta dizer que nossas forças combinadas eram mais do que suficientes para entrar na batalha, punir os arikaras por sua traição e reabrir o Missouri para nosso empreendimento. Devemos o fato de que os resultados esperados não tenham ocorrido à personalidade instável do coronel Leavenworth.

Os detalhes desse fatídico encontro podem esperar meu retorno a St. Louis, mas, por ora, é suficiente dizer que a repetida relutância do coronel em superar um rival inferior permitiu que toda a tribo arikara escapasse, trazendo como consequência o fechamento efetivo do Missouri entre o Forte Brazeau e as aldeias dos mandans. Em algum lugar entre esses dois pontos estão novecentos guerreiros arikaras, recém-entrincheirados, sem dúvida, e com todos os motivos para repelirem quaisquer tentativas de retomada do Missouri.

O coronel Leavenworth voltou à guarnição do Forte Atkinson, onde certamente vai passar o inverno em frente a uma lareira quente, refletindo com cautela sobre suas opções. Não pretendo esperar por ele. Nosso empreendimento, como o senhor sabe, não pode se dar ao luxo de perder oito meses.

Ashley parou para ler o próprio texto, descontente com o tom sombrio. A carta refletia sua ira, mas não transmitia seu sentimento predominante — um otimismo ferrenho, uma fé inabalável na própria capacidade de ser bem-sucedido. Deus o havia colocado em um jardim de infinita fartura, em uma Terra Prometida na qual qualquer homem conseguiria prosperar com a única condição de ter a coragem e a obstinação para tentar. Os pontos fracos de Ashley, que ele confessava sem rodeios, eram meras barreiras a serem ultrapassadas por alguma combinação criativa de suas forças. Ashley esperava contratempos, mas não toleraria qualquer derrota.

Devemos aproveitar esse infortúnio a nosso favor e seguir pressionando, enquanto nossos concorrentes fazem uma pausa. Com o Missouri efetivamente fechado, decidi mandar dois grupos para oeste por uma rota alternativa. Já despachei o capitão Henry para subir o rio Grand. Ele vai navegá-lo até onde for possível e retornar para o Forte Union. Jedidiah Smith vai liderar um segundo grupo subindo o rio Platte, tendo como meta as águas da Grande Bacia.

Certamente o senhor compartilha a minha intensa frustração com esse atraso. Temos agora que nos movimentar resolutamente para recuperar o tempo perdido. Dei instruções a Henry e Smith para que não retornem a St. Louis com o que coletaram na primavera. Na verdade, nós é que vamos nos encontrar com eles — um encontro em campo aberto para trocar suas peles por suprimentos frescos. Dessa forma, podemos economizar quatro meses, e pagar pelo menos parte de nossa dívida no prazo. Enquanto isso, proponho que se organize em St. Louis um novo grupo de caçadores de peles, com partida prevista para a primavera, sob minha liderança.

Os restos da vela crepitaram e eliminaram uma fumaça negra com cheiro forte. Ashley olhou para cima, dando-se conta de repente da hora e de seu profundo cansaço. Mergulhou a pena e voltou à correspondência, escrevendo firme e rapidamente agora que chegava às considerações finais de seu relato:

Peço encarecidamente que o senhor comunique aos nossos associados — com o máximo vigor possível — minha inteira confiança no inevitável sucesso de nossa diligência. Uma grande prenda nos foi ofertada pela Providência e não podemos deixar de ter a coragem de reivindicar a cota que nos pertence de direito.

*Seu muito humilde servo,
William H. Ashley*

Dois dias depois, em 23 de agosto de 1823, o barco de transporte de Kiowa Brazeau chegou de St. Louis. William Ashley abasteceu seus homens e os enviou rumo ao oeste no mesmo dia. O primeiro encontro foi marcado para o verão de 1824 e a localização seria comunicada pelos mensageiros.

Sem compreender completamente a importância de suas decisões, William H. Ashley havia inventado o sistema que definiria aquele período.

DOIS

23 DE AGOSTO DE 1823

ONZE HOMENS SE AGACHAVAM no acampamento sem fogueira. O acampamento aproveitava um ligeiro aterro no rio Grand; porém, a planície não proporcionava relevo significativo que camuflasse a posição deles. Uma fogueira sinalizaria sua presença a quilômetros de distância, e a total discricção era a melhor aliada dos caçadores contra eventuais ataques. A maioria dos homens usava a última hora de luz do dia para limpar os rifles, consertar os mocassins ou comer. O rapaz dormira desde o momento em que haviam acampado, um monte amarrotado de roupas de manga comprida mal-ajambradas.

Os homens se juntavam em grupos de três ou quatro, amontoados na margem ou imprensados contra uma pedra ou moitas de sálvia, como se essas tímidas saliências fossem capazes de oferecer alguma proteção.

As costumeiras brincadeiras de acampamento tinham se refreado por causa da calamidade no Missouri e foram posteriormente sufocadas por completo pelo segundo ataque que ocorrera apenas três noites antes. Quando algum deles se dispunha a falar, fazia-o em tom sussurrado e pesaroso, como forma de respeito aos companheiros que caíram mortos na trilha, ainda atentos aos perigos que esperavam encontrar.

— Você acha que ele sofreu, Hugh? Não consigo tirar da cabeça que ele estava sofrendo, aquele tempo todo.

Hugh Glass levantou os olhos para William Anderson, o homem que havia feito a pergunta. Meditou por uns instantes antes de responder:

LEIA O LIVRO QUE INSPIROU A OBRA CINEMATOGRAFICA

“UMA OBRA SOBERBA SOBRE VINGANÇA.”

THE WASHINGTON POST

ISBN 978-85-8057-859-1



9 788580 578591

www.intrinseca.com.br

